



QUINT, Anne-Marie. A personagem de José no *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* de Soror Maria de Mesquita Pimentel. In: *Revista Épicas*. Ano 3, N. 6, Dez 2019, p. 1-8. ISSN 2527-080-X.

**A PERSONAGEM DE JOSÉ NO MEMORIAL DA INFÂNCIA DE CRISTO
E TRIUNFO DO DIVINO AMOR DE SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL**

**SAINT JOSEPH DANS LE MEMORIAL DA INFÂNCIA DE CRISTO
E TRIUNFO DO DIVINO AMOR DE SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL**

Anne-Marie Quint¹
(CREPAL – Paris 3 Sorbonne Nouvelle)

Resumo: Soror Maria de Mesquita Pimentel, freira cisterciense de Évora, na primeira parte da sua epopeia intitulada *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (1ª ed. 1639, nova ed. 2016) segue fielmente o relato dos evangelhos, concedendo no entanto um papel de destaque a São José. O santo aparece nessa obra como um perfeito amante cavalheiresco, um marido humilde e dedicado e um pai tenro e atento. Essa visão, que eleva a personagem à altura da Virgem Maria na história da salvação da humanidade, parece relativamente nova em Portugal. Coincide de fato com uma evolução geral da devoção sensível na cristandade ocidental do século XVII.

Palavras-chave: São José, família sagrada, Soror Maria de Mesquita Pimentel.

Résumé: Soror Maria de Mesquita Pimentel, religieuse cistercienne d'Évora, suit fidèlement le récit des évangiles dans la première partie de son épopée, intitulée *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (1^{ère} éd. 1639, dern. éd. 2016). Elle y donne pourtant un rôle très important à Saint Joseph. Celui-ci, dans cette œuvre, se comporte en parfait amant chevaleresque, en mari humble et dévoué, en père tendre et attentif. Cette vision, qui élève le personnage à la hauteur de la Vierge Marie dans l'histoire du salut de l'humanité, semble relativement nouvelle au Portugal. Elle coïncide en fait avec une évolution générale de la dévotion dans la chrétienté occidentale du XVII^{ème} siècle.

Mots-clés: Saint Joseph, Sainte Famille, Soror Maria de Mesquita Pimentel.

¹ A-M Quint ensinou língua portuguesa e literatura de Portugal e do Brasil (séculos XVI a XX) na Universidade de Paris 3 Sorbonne Nouvelle desde 1970. Catedrática desde 1992. Emérita desde 2000, ano em que se aposentou. Publicou um livro sobre Frei Heitor Pinto, artigos, edições críticas de textos do século XVI (Pero Vaz de Caminha, Gil Vicente, Joana da Gama) e várias traduções. Coordenou durante 11 anos a revista *Les Cahiers du CREPAL*. (mail: anne-marie.quintabrial@orange.fr).

Estranha epopeia, este *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (PIMENTEL, 2016) em dez cantos, que Soror Maria de Mesquita Pimentel (1586?-1663?), freira cisterciense, escreveu no seu mosteiro de São Bento de Cástris, perto de Évora, e que chegou a ser impresso em 1639. Esta primeira parte havia de ter continuação: mais dois longos poemas também divididos em cantos, o *Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor*, e o *Memorial da Paixão de Cristo e Triunfo do Divino Amor*, tendo ficado ambos manuscritos até aos nossos dias². Essa obra considerável, tanto pelo volume como pela ambição, ficou quase desconhecida durante mais de quatro séculos, até a altura em que o interesse novo prestado desde alguns anos à produção cultural das mulheres no passado chamou para ela a atenção de alguns universitários, entre eles o brasileiro Fábio Mário da Silva. Como se pode explicar esse longo silêncio sobre poemas que propunham essencialmente uma leitura poética dos evangelhos, numa forma “heroica” que aspirava a sublimar a santa Escritura? É preciso lembrar que Soror Maria de Mesquita Pimentel compôs a sua obra em português numa época em que Portugal se achava sob a dominação duma Espanha imperialista; escrever em português podia ser julgado uma forma de resistência passiva. Mas sobretudo, a autora do *Memorial* era uma freira, respeitada com certeza por causa da sua profissão e da sua família aristocrática, mas enfim, uma mulher, sexo considerado inferior. Não é de estranhar, portanto, que a notoriedade da sua obra, apesar de ela ser valiosa, tenha ficado limitada, já na vida da autora, a alguns conventos, e não tenha transposto os séculos.

No entanto, assim como a maioria dos autores de poemas heroicos contemporâneos, Soror Maria seguiu o grande padrão cuja excelência já era admitida na península inteira: *Os Lusíadas* de Luís de Camões. O seu primeiro *Memorial* compõe-se de dez cantos, em oitavas de decassílabos. Embora a obra respeite fielmente os evangelhos canônicos, apresenta numerosas alusões à mitologia greco-romana, ao lado das evocações de personagens ou episódios da Bíblia. Já no início do canto primeiro, Soror Maria, depois de invocar o Espírito Santo, solicita o apoio de Apolo, antes de se dirigir à Virgem Maria e a São Bernardo. Este canto primeiro é inspirado pela Génese: evoca a Criação, o combate entre os anjos e a queda de Lúcifer, a culpa de Adão e Eva e a promessa de Redenção. Temos aí o ponto de partida duma narração épica, cujo tema é a vida de Cristo, Redentor da humanidade, herói mais admirável que qualquer outro.

Mas na primeira parte do *Memorial*, a da *Infância de Cristo*, esse herói divino ainda é apenas uma criança, e outras personagens ao lado dele desempenham um papel essencial, sobretudo a Virgem Maria sua mãe, e José, marido dela. O lugar concedido a José chamou-me a atenção. Com efeito, os evangelhos dão poucos detalhes no que diz respeito a esta personagem. Os “evangelhos da infância” são os de Mateus e Lucas, e Mateus é quem mais fala de José: os exegetas julgam que a genealogia do início é a do santo; logo Mateus deixa entrever o debate interior de José quando se inteira da gravidez de Maria³; conta a visita dos

²Só pudemos ler até agora a segunda parte (PIMENTEL, 2017). Na altura em que escrevemos, a publicação da terceira parte não deveria demorar.

³Mateus 1, 18-19: «Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José e, antes de viverem juntos, ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo. José, seu marido, era justo. Não queria denunciar Maria e pensava em deixá-la, sem ninguém saber.»

Magos, a fuga para o Egito, a matança dos Inocentes por Herodes, e diz que José foi carpinteiro⁴. Lucas dá muito menos importância a José do que a Maria, mas ele é quem relata as circunstâncias do nascimento de Jesus em Belém, o anúncio deste nascimento aos pastores, a circuncisão, a apresentação de Jesus ao Templo e a angústia de seus pais quando, aos doze anos, fica em Jerusalém em vez de os seguir quando regressam a Nazaré⁵.

Soror Maria desenvolve amplamente todos esses episódios ao longo do seu poema. A sua imaginação e a sua cultura suprem a brevidade dos relatos evangélicos. E, portanto, a personagem de José adquire um relevo pouco habitual. Parece-me interessante comentar aqui três episódios em que o seu papel é claramente valorizado: a vida em Nazaré do casal Maria e José antes do nascimento de Jesus e a saída para Belém (*Memorial da Infância de Cristo, op. cit., Canto III, p. 147-172*); a caminhada entre Belém e Jerusalém quando o casal vai apresentar Jesus ao Templo (*Memorial da Infância de Cristo, op. cit., Canto VI, oit. 62-70, p. 238-240*); a estadia no Egito, onde cresce o menino (*Memorial da Infância de Cristo, op. cit., Canto VIII, oit. 37-44, p. 286-287*).

Pode-se dizer que o canto terceiro é o canto de José. Com efeito, já no início, a poetisa dirige-se ao santo para lhe pedir amparo. Nessa invocação José é chamado “querubim” ou “serafim”, anjos que, segundo a Bíblia, estão ao pé do trono divino⁶. Soror Maria dedica uma única oitava à visita de Maria à sua prima Isabel e à aparição a José do anjo (“o Núncio”) que o convence da pureza da esposa e da origem divina da criança anunciada. Nas oitavas seguintes, em cambio, demora-se na descrição da vida comum do casal:

Ambos juntos viviam com pureza
Mui digna de imortal fama e memória. (III, 6, p. 148)

e acrescenta logo, usando expressões teológicas, que José, seguindo o exemplo de Maria, leva uma vida harmoniosa, ao mesmo tempo ativa e contemplativa, conforme aos preceitos divinos.

O ilustre José na vida ativa
Servir a sua Esposa só pretende,
Também a singular contemplativa
Abraça, que a ciência dela aprende. (III, 7, p. 148)

Soror Maria insiste no trabalho manual de ambos os santos: José no seu ofício de carpinteiro, Maria bordando na almofada, colaboram para ganhar a vida. Assim aparece evidente a igualdade do homem e da mulher no casal, igualdade visível no paralelismo dos versos:

C’o trabalho das mãos [o] santo esposo
Ganha o comer à Virgem delicada:
Ela para ele em tudo venturoso
O busca com a empresa da almofada. (III, 8, p. 148)

⁴ Mateus 13, 55: “Este homem não é o filho do carpinteiro?”

⁵ Lucas 2: todos os episódios citados constituem este capítulo.

⁶ Cf. Exodo 25, 18: os querubins da Arca da Aliança e Ezequiel 1, 10: os querubins puxam o carro de Deus. Em Isaías 6, os serafins voam em cima do trono de Deus.

Tal harmonia vai ser quebrada pelo edito de César Augusto que ordena um recenseamento segundo o qual cada um deve se registrar na sua cidade natal. A poetisa aproveita a ocasião para descrever longamente a aflição de José, forçado a partir para Belém na altura em que sua esposa está prestes a parir. Num discurso comovente, José vai explicar a Maria os inconvenientes da viagem e a sua angústia já que não a pode levar consigo, por falta de recursos. Então Maria, desfazendo-se em lágrimas, suplica-lhe que a deixe viajar também. José aceita, prepara tudo para o caminho e ei-los ambos a sair:

Deixam de Nazaré o sítio amado,
E tomam seu caminho trabalhoso
Contra o rigor do tempo enregelado,
Em que Bóreas reina furioso. (III, 40, p. 156)

Esta menção de Bóreas mostra até que ponto Soror Maria é capaz de utilizar à vontade a cultura erudita da sua época. A viagem a Belém, durante a qual José multiplica as provas de afeto à esposa, é para a autora a ocasião de introduzir no relato uma notável alegoria. O casal encontra um asilo para a noite numa humilde casa, morada da Pobreza, que os acolhe, “vestida de sarja parda:/ Humilde, mansa, alegre e mui serena” (III, 45). Os viajantes descobrem, presas a seus pés, três “gigantas feras” que são a concupiscência, a cobiça e a soberba. Talvez haja nesta alegoria uma lembrança do ideal franciscano da pobreza. Mas na verdade, também os Cistercienses fazem voto de pobreza. O que quer que seja, quem proclama então um elogio entusiasta de tal refúgio é José:

Aqui no interior desta morada
Mora o descanso, a paz, a liberdade,
A querida alegria desejada,
Que enche toda a medida da vontade:
A segurança firme, e confiada
De possuir os bens da eternidade,
Que goza toda a alteza extraordinária
A pobreza de espírito voluntária. (III, 54, p. 160)

No entanto, a chegada a Belém vai ser fonte de grandes dificuldades. Além dos rigores invernais, José encontra apenas egoísmo e menosprezo entre as pessoas da própria família que se recusam a acolher parentes pobres, e grossaria no estalajadeiro interesseiro que não os quer hospedar. Quando por fim resolvem refugiar-se numa lapa que serve de estábulo, José apressa-se em acender lume e preparar o presépio que vai ser o berço de Jesus; e perante Maria, que de repente irradia uma luz sobrenatural, cai em êxtase e, afinal, adormece. O que corresponde a numerosas representações iconográficas.

É, portanto, o esposo casto e dedicado que Soror Maria quis pintar em José. Um esposo amante, humilde e cheio de senso prático, que protege a mulher a quem ama, respeita e admira com amor absoluto, sem reservas. Um santo exemplar, em suma. A autora não se preocupa com psicologia ou verossimilhança: pinta um estereótipo, um esposo ideal, virtuoso, como poucos existem na sociedade que ela conhece, talvez o marido com quem sonharia se não fosse freira.

Obviamente, na altura do nascimento de Jesus e da visita dos Magos, Maria eclipsa José. Mas ele é quem leva Jesus à sinagoga para ser circuncidado (V, 27-35)⁷. Depois da partida dos Magos, José volta ao primeiro plano antes da apresentação de Jesus ao Templo. Durante a caminhada de Belém a Jerusalém, em que José, com Maria ao lado, leva Jesus nos braços, Soror Maria faz-lhe dirigir à esposa uma magnífica declaração de amor que a meu parecer, é o auge lírico do *Memorial da Infância de Cristo*. A fala de José ocupa as oitavas 64 a 70 do canto VI. Antes dela, vem uma advertência da autora que, conformando-se ao *topos* clássico da modéstia fingida, se pretende indigna de referir as palavras do santo, antes porém de as reproduzir. Mereciam ser citadas as sete oitavas daquele discurso, que se abre com os versos que seguem:

Suspense meu sentido em glória fica
Virgem Mãe soberana creatura
Nos admiráveis bens, que Deus fabrica
Em mim, de que vós sois a origem pura:
E quando o afeto da alma mais se aplica,
E quando em louvá-lo mais se apura,
Mais o louvo, por vos fazer Senhora
De meus felices bens executora. (6, 64, p. 238)

Depois deste exórdio, vêm três oitavas introduzidas e escandidas pela anáfora “Por vós”. Ali enumera José todas as mercês que recebeu de Deus pela intercessão de Maria: ele participou no projeto da Encarnação do Verbo de Deus; foi incumbido da missão de proteger mãe e filho; teve a honra de ser considerado como pai do Filho de Deus; leva-o nos braços, assim como Maria o levou no ventre; da mesma maneira que um pai autêntico, vai resgatá-lo no Templo por cinco moedas de prata; afinal, ele estima ser pai e esposo sumamente feliz, graças a Maria. E José, demasiado humilde para se julgar digno de merecer tantos favores, excede-se numa gratidão que exprime através de uma série de invocações a Maria, inspiradas nas “Ladainhas de Nossa Senhora”:

De vós, Virgem, me vem toda a valia,
Por ser esposo vosso, alcancei tê-la,
Que sois, preciosíssima Maria,
Aurora, lua, sol, luzente estrela;
Norte, zona, carreira, luz e guia,
Cedro, palma, açucena, rosa bela,
Trono, sacrário e nau do pão divino
Que trouxe ao porto humano Deus minino. (VI, 68, p. 239)

Este discurso cheio de emoção tem uma estrutura particularmente cuidada. A retórica nele é muito perceptível, mas nunca pesada. Constitui uma declaração de amor e ao mesmo tempo uma oração. A conclusão é um louvor ditirâmico da Virgem, em que se acumulam as hipérboles:

Não há encômio, e nome soberano,
Que se não cifre em vós, e se resuma,
Nem pode haver nenhum juízo humano,
Que de saber louvar-vos bem presuma;
Menos fora esgotar o mar Oceano,

⁷ No canto V, oit. 21, Soror Maria explica que segue nisso a opinião dos exegetas que julgam, apoiando-se na lei judaica, que Maria não podia sair de casa antes da purificação, 40 dias depois do nascimento da criança.

Com compreender em si grandeza suma,
Que decifrar louvor, de quem é cifra
Da perfeição, que o Verbo só decifra. (VI, 70, p. 240)

É de notar o raciocínio lógico e coerente de José, numa perspectiva teológica. Isto prova que não é por acaso que Soror Maria insiste tanto na personagem de José. Ela meditou visivelmente sobre o papel dele na história da salvação da humanidade, realizada a partir da encarnação do Filho de Deus. A importância de José é frequentemente julgada secundária quando se compara à de Maria. Soror Maria, sem deixar de glorificar Maria, exalta o valor de José. Ele sabe que depende de Maria, embora se veja elevado ao mesmo nível. Até certo ponto, a sua situação lembra o que acontece às vezes na sociedade feudal, quando um senhor dá como esposa a um vassalo merecedor uma rica herdeira, o que vai permitir-lhe aceder a um nível social muito superior ao que podia esperar, como explica Georges Duby na vida de Guillaume Le Maréchal(1984). Os sentimentos exprimidos por José pertencem a uma ideia cavalheiresca das relações entre homem e mulher, só que interpretada “ao divino”. José tem um comportamento cavalheiresco, sendo antes de tudo um santo.

Sabe-se, segundo o evangelista Mateus, que o ódio de Herodes para com uma criança capaz qualquer dia de o derrubar do trono, forçou José a fugir da Judeia para o Egito com a sua família. O exílio só acabou depois da morte de Herodes. Muitas lendas apócrifas circularam ao longo dos séculos a propósito daquele episódio. Soror Maria conhece-as, mas utiliza-as com sobriedade. Situa em Heliópolis, no delta do Nilo, a estadia da sagrada família (VIII, 32). Como os evangelhos canônicos não dizem nada sobre o assunto, a imaginação da freira pode inventar à vontade. E já que Jesus deve ter chegado com idade de alguns meses à beira do Nilo, lá deve ter crescido durante um número de anos indeterminado, sete segundo a poetisa (*Memorial da Infância de Cristo, op. cit., Canto VIII, oit. 78, p. 296*). Lá portanto deu os primeiros passos. Sórora Maria descreve então um episódio encantador em que o menino aprende a falar e logo a andar: aprendizagens básicas. Ela pinta a cena com o estilo próprio da época: hipérboles para caracterizar o menino divino e os seus gestos, metáforas preciosas para descrever a beleza da sua mãe. Mas esses efeitos não impedem que palavras, gestos e movimentos pareçam muito simples e naturais. Talvez a autora tenha assistido a um episódio semelhante na sua família, na própria infância. Vemos como Jesus pronuncia as primeiras palavras, jogando com o pai:

Com graça sobre-humana, e nunca ouvida,
Já pai e mãe mui claro vai chamando,
Do regaço da mãe esclarecida,
Para ir ao de José se vai lançando:
O qual, para ter glória mais crescida,
Para trás se fingia ir afastando,
Ele estendendo os seus tenrinhos braços,
Lá o ia buscar dando-lhe abraços. (VIII, 37, p. 286)

O jogo continua. O menino abraça o pai, para logo se lançar outra vez ao regaço da mãe e mamar, e voltar depois aos braços do pai. Este trata de lhe ensinar a andar, encorajando-o deste modo:

Andai, à lei da infância obedecendo
Vós, que com veloz curso e movimento
As esferas do Céu enriquecendo
Sobre as penas andais do vago vento:
Assi os sacros pés ide movendo,
Ora tomai agora algum alento,
Quem cuidou, imortal sabedoria,
Que pudesse José ser vosso guia? (VIII, 43, p. 287)

Até numa situação familiar, vemos que José não esquece nunca a natureza excepcional da criança a quem serve de guia e se dirige a ela com profundo respeito. No entanto, Jesus é descrito como uma criança bem humana, vacilante e pouco hábil:

O minino olhando o pai querido,
Que lhe manda fazer cousa tão nova,
Bolia os pés de neve, mas temido,
Como que teme de cair, se os mova:
E já de mais esforço enriquecido
Os põe firmes no chão, e andar só prova,
Mas dando uma passada, estava quedo,
Que sujeito à idade tinha medo. (VIII, 44, p. 287)

Eis o menino, embora medroso, obediente a José, que exerce com doçura e firmeza a autoridade paterna. Temos aqui uma cena intimista e comovente como encontramos muito poucas nessa primeira metade do século XVII. Com efeito, nas famílias de categoria social elevada, as crianças de pouca idade geralmente não compartilham a vida familiar. Por isso tal cena me parece significativa da liberdade imaginativa da autora que não se limita a descrever de modo convencional a vida ideal duma sagrada família unida, segundo um ideal popularizado tanto na iconografia como na oratória, mas insiste no prazer que sente qualquer mãe ao observar os progressos do filho, e na participação do pai nesse prazer. Aqui, cada um tem um papel importante. A mãe alimenta o menino, o pai ensina-o. O menino vai de um para outro, do peito da mãe aos braços do pai, aprende a andar segurando a mão do pai, indo dele à mãe. Os pais completam-se ao pé dele, numa perfeita igualdade. José é um pai tão tenro e atento como Maria. Terá consciência Soror Maria de que está a salientar a importância da presença paterna ao lado dum pequenino, presença tão recomendada pelos psicólogos atuais? Seja porque teve um pai pouco interessado pelos filhos novos, ou ao contrário porque beneficiou de ternura e afeição paterna, a autora foi capaz de descrever relações familiares como pensou que deviam ser.

A personagem de José na obra de Soror Maria de Mesquita Pimentel será um herói épico? Eis uma pergunta inútil: com efeito, um santo pratica necessariamente virtudes heroicas, portanto, numa perspectiva religiosa, um santo é superior a qualquer herói. Aliás, vários poetas, no Renascimento e no século XVII, trataram de dar uma forma épica a hagiografias. Embora Ernst Robert Curtius (1956, p. 296-297) qualifique

de “miragem enganadora” a epopeia cristã⁸, poucos decênios depois de Soror Maria, em 1667, o inglês John Milton publica o seu *Paraíso Perdido*, universalmente considerado como uma obra prima. Em Portugal, a tentativa de Soror Maria de Mesquita Pimentel, esquecida durante tanto tempo, destaca-se no contexto cansativo das hagiografias épicas ou dos poemas heroicos do seu século, não apenas pelas qualidades da sua versificação mas também pela maneira de tratar o assunto. Na solidão do seu convento, com apoio duma sólida cultura cristã e profana, e com certeza animada por uma fé sincera, a freira meditou longamente os evangelhos. Como poderia ter duvidado que Cristo, filho de Deus, cuja encarnação e cujo sacrifício realizam a salvação do gênero humano, fosse um herói? O *Memorial da Infância de Cristo* conta, portanto, as primícias daquele drama sublime. Só que, antes do nascimento de Jesus, é preciso evocar sua mãe e o que lhe serviu de pai. Há muito tempo que a Virgem Maria ocupa o grau mais alto na hierarquia dos santos. Não é o caso de José, embora mereça uma devoção que aliás tende a intensificar-se no século XVII. Soror Maria usa da sua liberdade de poeta para dar a José os traços de esposo, amante e pai ideal. Para um santo, claro, nada mais normal. Mas justamente, nas situações em que o pinta, Soror Maria de Mesquita Pimentel valoriza a sua humanidade, assim como a de Maria. A freira põe em evidência a igualdade no santo casal, sem ter plenamente consciência, com certeza, do peso de tal conceito. A originalidade desse aspeto da sua obra, que passou provavelmente despercebida na sua época, torna-se sensível ao leitor de hoje.

Referências bibliográficas

CURTIUS, Ernst Robert. **La littérature et le Moyen Age latin**. Traduit de l'allemand par Jean Breyoux. Paris: PUF, 1956.

DUBY, Georges. **Guillaume le Maréchal ou le meilleur Chevalier du monde**. Paris: Fayard, 1984.

PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial da infância de Cristo e Triunfo do divino amor (primeira parte)**. Organização, notas e estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva. São Paulo: Todas as Musas, 2016.

PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor**. Organização, notas e estudos introdutórios de Fábio Mário da Silva. São Paulo: Todas as Musas, 2017.

⁸ «L'épopée chrétienne est un mirage trompeur».